

NO MUNDO DA EDIÇÃO POPULAR QUE PERSISTE EM NOSSO CONTINENTE, UNIVERSO CONTÍGUO À MODERNA E PROFUSA EDIÇÃO DE MASSAS – CONSTRUÇÃO DO QUE DENOMINEI DE CULTURA DAS BORDAS –, NOTA-SE QUE OS ANTIGOS LIVROS DE MAGIA CONTINUAM A TER UM PAPEL MUITO FORTE. CONTINUAM SENDO PUBLICADOS, POR EDITORES POPULARES, OS *LIVROS DE SONHOS*, NUMA GRADAÇÃO INFINITA, OS DE *SÃO CIPRIANO* E OS DE *BRUXAS DE ÉVORA*, DA *CRUZ DE CARAVACA*, OU AS *CLAVÍCULAS DE SALOMÃO*. ALGUNS DELES TERMINAM SE AGLUTINAN-



JERUSA PIRES FERREIRA

LIVROS E LEITURAS DE MAGIA



*Desenho que
ilustra a capa de El
Libro de S. Cipriano*

JERUSA PIRES FERREIRA é professora do Programa de Comunicação e Semiótica da PUC/SP, onde dirige o Núcleo de Poéticas de Oralidade. É autora de, entre outros, *O Livro de São Cipriano* (Perspectiva) e *Fausto no Horizonte* (Hucitec/Educ).

do, formando uma espécie de colagem que nos leva a pensar num grande texto mágico que permeia o mundo das práticas e crenças populares. Estes livros são egressos de uma espécie de fundo de antigos saberes mágicos, heréticos ou perseguidos que podem tomar nossos rumos, a qualquer momento que uma compatibilidade os requisite. Daí que condenar esta literatura e considerá-la apenas imposta é proceder como os positivistas, que exilavam as “bárbaras crenças” das práticas científicas.

Temos de entender, de um lado, a “tramóia”, presente nas edições populares, toda a aturdidora fragmentariedade, mas também observar que comparece nesses textos um acervo de formulações, que têm agora a ver com as religiões populares das massas urbanas, como tão bem nos apresentou Cândido Procópio. Constatamos que esses conjuntos ainda respondem pela permanência de um repertório da tradição popular dos causos e dos contos, de uma oralidade que ainda se faz presente, e com muita força, em nossos âmbitos populares, de uma visualidade que traz dentro de um amplo processo mistificatório os ícones mais diversos: figuras, segmentos de imagem, fragmentos de geometria e números mágicos. Difícil será dizer onde tudo começou, o que existe de falso ou verdadeiro, de “imposto” ou resgatado.

A este respeito, as observações de Paolo Carile combinam exatamente com as minhas, e ele, de certo modo, responde às críticas que se possam fazer ao fato de não pensar a “Bibliothèque Bleue”, a literatura francesa de *colportage* como coisa imposta. Comenta que o livreto de *colportage* fornece uma cultura aceita, dirigida, assimilada, durante séculos, pelos meios populares.

Em meu estudo sobre o *Livro de São Cipriano* apresento uma espécie de jornada heurística por esse universo do livro popular. Procuro então mostrar a permanência dessa espécie de colagem viva que se assenta num contínuo mediúnico (recepção e demanda) e num *continuum* textual (operação criativa e aglutinadora).

Quando se sai a campo para pesquisar ou recolher exemplares de livros como estes de *São Cipriano* ou *As Clavículas de Salomão*,

algumas dificuldades muito sérias ocorrem. São livros de magia, trazendo sua carga de maldição e interdição e, mais ainda, livros populares. Com essas características, têm sua produção, circulação e consumo regulados por certos princípios e tabus.

Nos sebos, espécimes antigos não são encontrados, senão muito rara e ocasionalmente, porque quem os teve ou tem não os passa adiante, sendo considerada uma violação vendê-los ou descartá-los.

Quanto a bibliotecas públicas, há dois tipos de impedimento. Ou o livro pertence àquele estrato cultural que não merece a necessária credibilidade para figurar no fundo geral de leitura de uma biblioteca municipal, estadual ou nacional, e não se adquiriu para compor o acervo ou se, por acaso foi adquirido, corre o risco de ser roubado. Tenho colecionado alguns episódios bem interessantes. Por exemplo, tendo localizado na Biblioteca do British Museum um precioso exemplar de *As Clavículas de Salomão*, encontro dentro do livro um papelzinho dizendo que o mesmo fora resgatado e devolvido às prateleiras da biblioteca por intervenção da Scotland Yard. Vamos também nos situar diante de um novo conceito de leitura. O leitor ou consulente segue suas lições como as de um acreditado mestre, exercita sua psicoterapia como se estivesse num consultório, aproveitando também de suas sugestões para conquistar e prender um homem ou mulher. As fórmulas e conselhos, que às vezes nos parecem ridículos, canhestros, arcaicos, conservadores, imobilistas e imobilizantes nos processos da emancipação social, têm, no entanto, muito a ver com as razões cotidianas dos grupos sociais e das pessoas que utilizam esses textos. É muito sugestivo o fato de nunca se dizer que o consultou ou dele se serviu. Aparece sempre uma irmã que o tem e o consulta, uma irmã que é perturbada e não o dispensa, mas a mãe não sabe... e muitas outras escapatórias para compor uma espécie de espaço secreto.

O objeto é que vai em busca de tudo o que poderá explicá-lo, signos verbais ou visuais, símbolos e marcas, produção de uma narratologia que aproxima linguagens arcaicas a procedimentos que o mundo popular

obteve e resguardou, e que se ajusta e transforma, continuamente, a diversas formas de ver e de dizer, no mundo popular contíguo ao da cultura de massas.

O levantamento feito não é nem poderá ser exaustivo, funcionando como uma amostra do que foi possível encontrar até agora. Aparecem surpresas a cada momento: um título recriado, um simplesmente transcrito a partir do texto de outra editora ou mesmo “maquilado”, modificado em pequenos detalhes, para dar a impressão de um outro livro.

Estes conjuntos parecem atender a diferentes segmentos, dentro do público-alvo. É uma espécie de resposta a diversas solicitações de grupos que, se têm a unidade de um todo, têm diferentes graus culturais e aquisitivos. Põe-se ênfase especial em determinados aspectos do conjunto, e isso significa atingir vários tipos de leitor ou até mesmo o “leitor fiel”, consumidor habitual desse tipo de livro, em diferentes momentos de sua trajetória, e de acordo com suas necessidades.

A partir destes textos, de cada um deles, vão se acompanhando as possibilidades escolhidas e ricas de sugestões de cada um. Impossível deslindar cada fragmento, frase ou símbolo. A seqüência dos próprios escritos vai ditando a escolha dos mais importantes, as entrelinhas vão revelando pistas e temas, por onde enveredar na explicação do possível, mas o mistério permanece. Mistério de um tema como este, tão complexo, de repertório infinito, de alcance enciclopédico, encampado na produção editorial, com todos os recursos possíveis, e visando a públicos cada vez maiores.

Podemos situar esses livros como *grimórios*, como fez a pesquisadora inglesa E. M. Butler, ou como *engrimaços*, possível corruptela popular.

Engrimaço é uma palavra muito estranha aos nossos ouvidos, até que se começa a encontrar, com freqüência, menção aos *Engrimaços de São Cipriano*. Em dicionários se encontra para esse vocábulo a significação de discursos obscuros, modo inteligível de falar, que se liga ao italiano *grimo* (mísero, enredo, artimanha, logro). “Grimório” é palavra menos corrente em português, mas que se usa em outras línguas

para designar livros ou partes de livros de artes mágicas e ciências populares. O contato com textos brasileiros e portugueses mostramos que a palavra “engrimaço”, que se relaciona intuitivamente com a sonoridade das etimologias populares, é usada como sinônimo de “grimório”. *Grimoire* procede ou liga-se diretamente a *Grammaire*, designando a gramática latina, incompreensível para o vulgo, tendo também o sentido de livro de magia para uso de feiticeiros, obra ou discurso obscuro, indecifrável. Localizam-se sempre correspondentes, a partir do latim *Grimorium* e às vezes *Grimorium Verum*, e passa-se a saber que esses livros recebem também o nome de “alfabetos do diabo”. Chamam a atenção por contar os segredos maravilhosos, entre os quais os mais importantes são: fazer aparecer e obedecer os maus espíritos, evocar os demônios, descobrir tesouros escondidos, etc.

Os *engrimaços* têm o caráter da ciência mágica e um conjunto de propostas concretas para atuação, em que a invisibilidade é um dos temas centrais. Espera-se por esses significados que o mago aja como um taumaturgo, e este poder é conferido ao livro ou a quem o traz, procurando nele aprender lições, as mais secretas.

Num livro sobre mágica, feitiçaria e paganismo na América, abre-se o capítulo “Os Grimórios”, realçando-lhes o caráter prático: “[...] necessário na biblioteca do mágico, o grimório contém as fórmulas e rituais pelos quais o mágico é mágico... Há um grande número de velhos grimórios, a maioria escrita em alemão, latim ou hebreu e que circulava entre os monges medievais”.

Uma firme sustentação desses textos seria também o pacto com o diabo, encontrando-se nos *engrimaços* ou *grimórios* todos os detalhes e procedimentos para a formulação do pacto. Um grimório implica em ação e aí não se trata de rezar e de esperar, mas está em causa toda a eficácia dos ritos; concede-se também o poder de exorcizar e de instrumentar. Neles encontramos sempre e explicitamente referências à cabala e à tradição judaica, misturando-se à magia um apelo a escrituras indecifráveis. Estão aí contidos princípios de “diabolismo”, materiais recolhidos a partir de toda uma tradição da

Teufelliteratur, e como seria de se esperar, há nos novos grimórios a evocação das narrativas célebres e lendárias de Johannes Faust.

Nesse grande texto que conduz apócrifas, fragmentos rituais ou simples mistificações que jogam um jogo próprio, compõem presságios, aparições, possibilidades de saber o futuro, de descobrir as coisas mais secretas; também a proximidade com os espíritos, diabinhos familiares (*famaliás*) e vampiros, encantamentos, talismãs, parcelas de um universo comum. Os amantes se reunirão, terão lugar os filtros de amor e as evocações para retorno de afeição, embora alguns livros ou partes deles se dediquem a fazer o mal. Mas os grimórios podem trazer também a alegria de uma felicidade inesperada, o fervor diante do milagre, a assistência de uma corte de espíritos, de santos, de arcanjos e até a submissão de Satã.

Observa-se então a estreita ligação desses textos, apoiados no ofício e na operação mágica, com a Igreja. O autor de um desses compêndios pede mesmo que se preste atenção ao sentido profundamente religioso desses textos e ao fato de serem eles atribuídos a santos ou a papas. Entre os mais famosos grimórios existentes estão, por unanimidade: *As Clavículas de Salomão* (presente em nosso conjunto de edição popular, hoje), *O Grimório do Papa Honório*, *O Enchiridion do Papa Leão*, *Os Segredos do Grande e do Pequeno Alberto*, que tanto circulou nas edições francesas.

A preferência por papas é também uma questão de legitimar a magia em personagens poderosos, sendo os mais visados Santo Leão, o Grande, e Silvestre II, qualificados de grandes mágicos. Haveria mesmo uma efetiva cisão entre a Igreja e a Magia? E será que o clero mantinha-se afastado do encanto, mistério, perplexidade e divertimento desses *grimórios*?

Conforme lembra Bollème, esses opúsculos faziam a alegria e descontração dos conventos. O ambulante, o *colporteur*, o trazia com sua mercadoria e, desde sua partida, se ensaiavam as receitas da felicidade: “Se o padre promete a felicidade para o outro mundo, não nos resta mais do que bem morrer”. O livrinho mágico, ao contrário, sugerindo o

pacto e várias operações mágicas e transformadoras, apresenta *receitas para bem viver*, promessas a se cumprirem em países de fartura e de abundância, alvo das utopias populares.

Estudando a *Coena Cypriani*, sugere Bakhtin que é muito significativo o seu universalismo histórico e que seus traços se encontram em grandiosa obra do século XVI, que trata do Banquete: *O Modo de Vencer na Vida*.

E é exatamente neste mundo em que o mágico prático e os ritos diabólicos oferecem certezas de uma vida melhor que circulavam e ainda circulam os grimórios, os engrimanços, os *enchiridions*....

AS CLAVÍCULAS DE SALOMÃO E A CHAVE DOS MAGOS

Este rei, ao qual Deus tinha dado a sabedoria, tem todo um poder sobre o mundo e em particular sobre os demônios da tradição popular. Atribui-se a ele a redação desse famoso livro das clavículas, sem o qual não se poderiam invocar os demônios. Ele é a *Chave dos Magos*.

Numa editora que tem muitos títulos do *Livro de São Cipriano* encontram-se edições de *O Verdadeiro Livro de São Cipriano de Salomão*, que possuo na 6a. edição e que, segundo aí se diz, é publicado em razão de intensas solicitações: “Os constantes pedidos que temos recebido de todos os pontos do país e do mundo são a prova mais evidente de que o mesmo é conhecido e apreciado por todos”.

Quanto a Salomão, aí conta o autor-editor, para os seus leitores, que existem dois personagens, que não devem ser confundidos, a saber, Salomão, o rei dos hebreus, e o sábio Salomão, mago da Caldéia, divisão curiosa que faz seguir esse texto bizarro: “Alguns personagens que desempenharam suas atividades com grande brilhantismo no setor do bem têm um xará, que alcançou celebridade em terreno completamente oposto, ou ao menos diferente. Esta introdução tem a finalidade de explicar a diferença que existe entre Salomão, o Rei dos Hebreus, e o Sábio

Salomão, o mago da Caldéia”, sendo que este texto fica sendo como do segundo.

No entanto, a tradição corrente passa para todos, em lenda, rituais e disputas de sabedoria, a figura do rei Salomão.

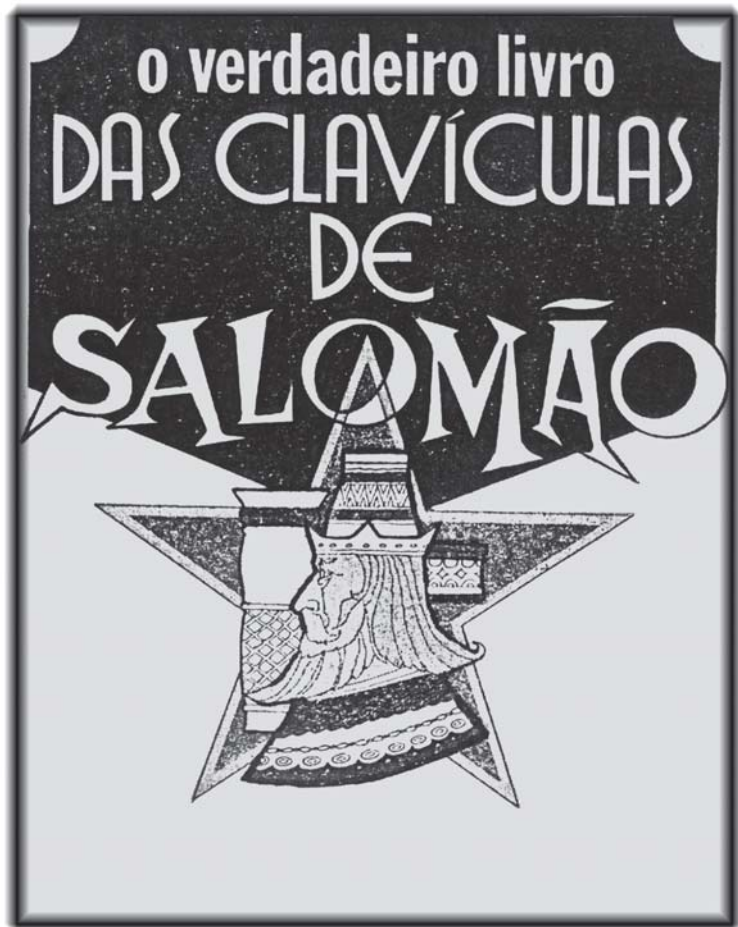
Em 1456, diz-nos E. M. Butler, aparece, num panfleto de advertência ao duque de Burgúndia, uma listagem que apresenta as *Clavículas* e o *Sigilum* de Salomão como as obras de nigromancia mais correntes naquele tempo, sendo que a primeira ocupou o lugar de honra nas mentes dos praticantes de magia, do século XIV em diante, havendo inúmeras versões de muitos manuscritos existentes.

Ao longo dos séculos teria havido uma verdadeira indústria de forjar manuscritos, sendo que as *Clavículas* vão incluindo as *Conjurações*. Butler afirma que os *grimoires* franceses, muitas vezes provenientes da Itália, são firmemente baseados nelas. Apontamos o *Grimorium Verum* como dos mais aprovados e o *Grand Grimoire* para a descoberta de tesouros escondidos. Interessante é que, a certa altura, a pesquisadora inglesa acha por bem explicar que as “clavículas” não têm nada a ver com ossos; acrescenta que, mesmo em suas versões abreviadas, estéticas e espirituais, foram prolíficas ao extremo e tiveram um enorme prestígio, principalmente nos países latinos.

Para Eliphaz Levi, segundo a tradição popular, o possuidor das *Clavículas de Salomão* podia conversar com espíritos de toda espécie e se fazer obedecer por todos os poderes naturais:

“Estas Clavículas, várias vezes perdidas e depois reencontradas, não são outra coisa que os talismãs dos 72 nomes e os mistérios das 32 vias (Cabala), hieroglificamente reproduzidas no Tarot. Com a ajuda desses signos e por meio de suas combinações infinitas, como a dos números e das letras, pode-se com efeito chegar à revelação natural e matemática de todos os segredos da natureza e entrar em comunicação com toda a hierarquia das inteligências e gênios”.

Note-se que há, nesse mundo mistificador da edição popular, informações e soluções que nos são passadas, permanecendo porém



algo de fundamental: a preservação de conhecimentos que não se perderam e que se apresentam ou reapresentam contendo fabulações e delírios inventivos.

Também Menéndez y Pelayo cita *As Clavícula de Salomão* como um célebre tratado de invocação de demônios, muito corrente na Espanha:

“Sobre este livro discorre assim o doutíssimo Bispo de Segóvia, D. Juan Baptista Perez, em memorável parecer, escrito em 1595: ‘Os nigromânticos têm um certo livro de conjuros com caracteres incógnitos, o qual chamam de *Clavicula Salomonis* e que está proibido em todos os Catálogos da Inquisição, e os mágicos fingem que o escreveu Salomão’. No *Malleus Maleficarum*, o inquisidor diz que os nigromânticos usam um livro que chamam de Salomão, escrito em língua arábica, e que o achou Virgílio numa cadeia de montes da Arábia”.

Atesta-se que o livro circulou com força no século XVI e que continha certas figuras e orações que deviam ser recitadas nos sete primeiros dias de lua nova, ao apontar o sol pela manhã, e que o homem, observando esses rituais, se acharia, de súbito, cheio de ciência.

Não podemos deixar de mencionar a ancoragem de livros como este e o de *São Cipriano*, por exemplo, nos atos de mártires, vidas de santos e outros compêndios e coleções religiosas.

A *Legenda Áurea* ou *Legenda Dourada* é uma recolha de vidas de santos, escrita, a partir de uma tradição do relato popular e do martirologio cristão, pelo monge dominicano e arcebispo de Gênova, Jacopo da Voragine, por volta de 1300. Foi um texto que teve incontáveis edições, publicado em inglês em 1483 como *Golden Legend* e na França como *Legend Dorée*, contando com inúmeras adaptações, ampliações, numa rede muito profusa de textos. Se não há narrativa inocente, aquela sobre santos é a menos inocente que há, conforme comenta Le Goff. Comprova-se que as recolhas hagiográficas representavam uma das malhas da prodigiosa rede de vulgarização dominicana, estendida por vários autores no começo do século XIII, tendo o texto da *Legenda* merecido acolhida imediata. Consta que seu autor, Voragine ou Varagine, entrou para a Ordem de São Domingos e foi provincial da Lombardia pelo espaço de 18 anos, tendo feito sua celebridade, a partir do texto que era originalmente em latim: *Historia Lombardica Sanctorum*. Daí viria o sucesso e a difusão. Mil manuscritos conservados, 70 e 80 edições antes de 1500: dos séculos XIII a XV, por exemplo, contaram-se sete versões francesas, sendo inumeráveis as traduções, adaptações e versões ampliadas.

Todo este mencionado universo comparece no *Flos Sanctorum*, que é o texto-base para o mundo luso-brasileiro na difusão da legenda de São Cipriano. É um livro muito popular no sertão. Meu pai, Celso de Carvalho (1901-86), sempre falou desse livro contando que seu padrinho, o vigário Cupertino de Lacerda, grande orador sacro da Bahia, não o dispensava e que também o via frequentemente em mãos de leigos. Câmara

Cascudo nos fala da presença atuante desse conjunto de narrativas na tradição popular nordestina.

Trata-se de uma recolha de vidas de santos de acordo com suas datas, estabelecidas pela Igreja, e que teve sucessivas edições. É usado na produção dos livros de São Cipriano, ora como texto, ora como menção obrigatória. Diz-se sempre: extraído do *Flos* ou *Flor Sanctorum*.

Tive em mãos duas edições muito antigas. A primeira delas preparada pelo padre Pedro de Ribadeneira, religioso da Companhia de Jesus, traduzida da língua castelhana (sic) e que traz no 2º volume a história de São Cipriano.

Quanto a Pedro de Ribadeneira, trata-se de um autor ascético espanhol e “magnífico prosista”. Nasceu em 1526 em Toledo, morrendo em 1611 em Madri. Entrou na Companhia de Jesus, sendo o discípulo predileto de Santo Inácio de Loyola, e em 1542 foi enviado a Paris para completar seus estudos.

Menciona-se entre as obras ascético-morais do autor o *Libro de las Vidas de los Santos* (Madri, 1599 e 1601) em duas partes, e que tudo indica seja o *Flos Sanctorum*.



Vai-se percebendo como o núcleo narrativo de um livro como o de *São Cipriano* se engasta na tradição de vida de santos, da *Legenda Dourada* ao *Flos Sanctorum*, e que o eixo principal dessa narrativa se constrói em torno das idéias de *martírio* e *conversão*.

Essas recolhidas são tão oficiais no mundo ibérico que, entre as condenações impostas a “hereges” pelo Santo Ofício, está a obrigação, como indulgência, de ler diariamente o *Flos Sanctorum*. Ora, estes textos de pleno reconhecimento popular contêm ingredientes daquilo que se apontava como heresia, como é o caso de nossa história de São Cipriano, artes mágicas, pacto com o demônio, etc. Assim se remetia diretamente às heterodoxias difusas, aos aspectos mágicos pré-cristãos, e usava-se para combatê-las, curiosa e sutil ironia, o veneno do próprio corpo.

Em sua *História dos Heterodoxos Espanhóis*, Menéndez y Pelayo aponta para as artes mágicas dos muçulmanos ibéricos e diz que copiosa biblioteca se formou (a crer nos arabistas) com obras de mouros e judeus, concernentes às artes mágicas, à astrologia judiciária, aos dias natalícios, à interpretação dos sonhos. Só desta matéria, diz ele que se catalogaram 7.700 escritores. Cita o poema de Aben Rangel de Córdoba sobre astrologia judiciária, uma demonologia e os prognósticos sobre figuras e contemplações celestes; juízos sobre ciência arenária ou geomancia e a quiromancia do cordobês Al Said ben Ali Mohamed.

Menciona a tradição corrente dos livros de encantamentos e os tratados de astrologia judiciária, de quiromancia, de fisiognomia, etc.

Passa-nos a idéia da transmissão de todo um conjunto de saberes, que incluem os mais diversos conhecimentos, contando, naturalmente, as medicinas e seu exercício prático.

Há, no aglutinado que comparece até hoje nestes livros populares, a idéia de uma junção de todas essas coisas, verdadeiros almanaques, que contêm ensinamentos próprios, resgatados desse fluxo vivo de tradição.

Circulam adivinhações, fórmulas mágicas e práticas em alternância. Magia e Medicina, antigas companheiras, fórmulas e receitas para sanar dificuldades, purgantes e sangrias formando um conjunto que não se interrompe.

O interessante é que a ciência “cultura” foi expulsando tudo isso, a dos doutos foi expulso para as classes populares mezinhas e panacéias que, apesar da fragmentariedade, têm sua lógica própria, proveniente de antigos rituais, de usos empíricos comprovados, de antigos conhecimentos depositados e que, ao longo dos tempos, foram levando a se formar o que se chamou de um “verdadeiro arsenal curandeiro”.

A transcrição deste texto de Henrique de Villena nos põe diante de uma complexa divisão da ciência, que nos deixa perplexos, tal a sofisticação e detalhamento de categorias, e que continua a existir nos livros populares de feitiçaria de forma difusa:

“A cabeça e totalidade das ciências proibidas é a magia, da qual saíram quatro principais que são *matemática*, *prestígio*, *malefício*, *encantação*. Das *matemáticas* saíram nove que são hidromancia, piromancia, geomancia, espatulmancia, fulgurária, ciromancia, tremulária, sonorítica e auspício. Do *prestígio* saíram seis que são absconsória, pulsória, congregatória, transformária, passionária, ludíbria. Do *malefício* saíram dez que são mediária, sopniária, invocatória, nigromancia, estricatória, fíbrica, extrária, sortilégio, amatória e vastatória. Da *encantação* saíram três que são empérica, imprecatória, ligatória. De *nigromancia* saíram quatro que são: astromancia, conomancia, pedoxomancia, etc.; de *estricatória* saíram duas, que são: cursória e fascinatória. De *conomancia* saiu uma que é a litomancia, e assim são cumpridas as 43 artes proibidas”.

Levemos em conta uma época, que revive agora e traz a voga de certos fenômenos, como, por exemplo, a proliferação de textos ligados ao ocultismo. O “culto” e o popular se aproximam, e creio que os séculos XVIII e XIX na Europa foram a grande sementeira desse convívio, que resultaria na produção de livros populares e semipopulares.

A moda do ocultismo, por exemplo, teria sido reforçada pelas obras de um seminarista francês, Alphonse Louis Constant, nascido em 1810 e conhecido como Eliphas Levi. Segundo Mircea Eliade, ele seria o responsá-

vel até pela criação do termo “ocultismo”. Teria tido grande influência sobre a sua obra a leitura da *Kabala Denudata* de Christian Rosenroth, assim como as obras de Jacob de Boheme, de Swedenborg, de Louis Claude de Saint-Martin (o filólogo desconhecido) e outros teósofos do século XVIII. Seus livros *Dogma e Ritual da Alta Magia*; *A História da Magia* e a *Chave dos Grandes Mistérios* conheceram um enorme sucesso.

Os neo-ocultistas da geração seguinte fizeram grande conta de Eliphaz Levi, e o mais notável de seus discípulos, dr. Encausse, escrevia sob o pseudônimo de Papus, tão presente em publicações nossas de hoje, da Editora Pensamento, por exemplo.

NOS FOLHETOS POPULARES

O tema de São Cipriano se faz presente na literatura de folhetos nordestinos, conhecida como de cordel. Essa literatura tem também a ver com o conhecimento e conservação do antigo repertório ligado à magia e às artes mágicas, mas o próprio *Livro de São Cipriano* geraria práticas de adaptação, que fariam possível o folheto.

São Cipriano e a Bruxa Espady é produzido, escrito e ilustrado por Dila (Caruaru, 1976), um dos mais originais xilógrafos, dos mais verdadeiros intérpretes das tradições populares nordestinas, sobretudo aquelas que apontam para um universo mítico e messiânico. Proveniente do mundo do cangaço, sua criação visionária propicia muito bem a conservação da figura do santo bruxo; parece, no entanto, que alguma edição ou fragmento de edição do *Livro* teria feito detonar seu texto mais imediato. O poeta mistura o santo-bruxo a uma fada, ao iniciar assim o seu relato, dando a entender que o livro tem bases concretas e históricas:

“Deus entregou ao poeta
O dom da inspiração
São Cipriano e Espady
É uma mistificação
Porém o livro não vem
Do mundo da criação”.

Atravessando um certo *non sense*, ele faz

uma incursão pelo *Livro de São Cipriano*, de onde retira uma seqüência de horóscopos:

“Deixo Espady no seu lar
Vou falar em São Cipriano
Lendo o livro do signo
explicado sem engano”.

Segue por signos e horóscopos, histórias de bruxas e águas mágicas, num folheto não bem resolvido, antes uma seqüência de fragmentos recriados e colados.

Um outro folheto, *Luta e Vitória de São Cipriano contra Adrião Mágico*, tem como autor Joaquim Batista de Sena e editor Manoel Caboclo (Juazeiro do Norte, Ceará, 1974).

O texto repete as “mocedades” de São Cipriano, como ele estudou feitiçaria:

“na cidade de Alexandria
foi nascido e criado
seu pai mandou educá-lo
e criou-o muito privado
mas ele com 12 anos
começou ser depravado”.

No enredo, Cipriano se finge de analfabeto e se emprega na livraria do mago Adrião para aprender seus livros de magia:

“ganhando certa quantia
para arrumar e zelar
sua grande livraria”.

Todo o desenvolvimento do folheto gira em torno da transformação, como no *Asno de Ouro* de Apuleio. O santo se transforma num cavalo, depois num peixe pequeno, em pássaro, em caroço de milho.

Finalmente Cipriano sai vencedor, vence o bruxo numa seqüência que se conta assim:

“Cipriano aí tomou
sua grande livraria
e ficou considerado
como rei da bruxaria”.

Não se menciona a *conversão* nem o *martírio*; aí, neste mundo do folheto popular, vencem a magia e o mistério imemorial, do mesmo modo que alguns outros folhetos,

como *Plantas Medicinais* e *Encontro de Lampião com uma Negra de um Peito Só*, trazem referências ao *Livro de São Cipriano*.

Quando se está diante do conjunto aparentemente heteróclito e desarrazoado do *Livro de São Cipriano*, é preciso lembrar que nada daquilo foi simplesmente inventado; não se trata de uma pura e simples forjação de temas, ao contrário, tudo tem aí sua profunda razão de ser.

Neste “composto”, para além de todas as “mancias”, tem muita importância a astrologia, em todas as suas formas. Comparecem os tratados de ciência medieval, da mais diversa proveniência, as anatomias que obedecem a critérios próprios e mágicos, e ainda todos os repertórios de augúrios e adivinhações, as formas próprias para fazê-los, desde o uso de vísceras até o pó de café.

Descrevendo o repertório destes livros, fala-nos ainda Pelayo de um caderno de *ligaduras* e *desligaduras* e das obras de Henrique Villena, entre as quais se encontra um tratado de “Aojamiento” ou Fascinologia, dirigido em forma de carta a Juan Fernandes Valera.

A chamada *alta magia* foi incorporando conhecimentos astronômicos e astrológicos, inclusive técnicas de adivinhação. A astrologia judiciária foi se confundindo com a magia cerimonial. Foi ocorrendo a incorporação da medicina, a luta contra a doença e contra a morte, a instituição de preces e de sacrifícios, noções provenientes da cabala hebraica, do simbolismo dos alquimistas, etc. A chamada *baixa magia* faz menção a poderes infernais, aos demônios, aos espíritos maus, sendo que a força dos talismãs e amuletos é princípio de todas as práticas mágicas.

Foi ocorrendo uma nova explosão do ocultismo, o satanismo e os ritos satânicos trazidos em suas muitas gradações. Os cultos de fertilidade evoluíram, por exemplo, em sociedades secretas voltadas a fins destrutivos, práticas orgiásticas, sacrifícios de crianças. Há, como lembra Eliade, uma identificação secular das sobrevivências mítico-rituais pré-cristãs com processos satânicos.

Tudo isso, em seu complexo trânsito, vai se aglutinando e transmitindo nesses “com-

postos” que vão sendo editados, continuamente, e que têm o seu espaço em nossos meios populares. Localizá-los e desvendá-los será sempre um desafio que poderá trazer-nos o que nem somos capazes de suspeitar.

NOTA

Em *O Livro de São Cipriano: uma Legenda de Massas*, apresento uma extensa bibliografia, que inclui indicações de um *corpus* desses livros e todas as indicações bibliográficas contidas neste artigo.

Aí remeto a uma grande quantidade de livros de São Cipriano editados no Brasil e no México, além de *El Libro Infernal, Tratado Completo de Ciências Ocultas* (nueva edición ilustrada, s.d., 432 p.).

O Legítimo e Único Livro do Boi da Cara Preta; Livro do Touro Negro ou a Cara Negra. Rio de Janeiro, s.d., 228 p. e índice (Série “São Cipriano”). Note-se que não traz indicação de editora e diz-se trasladado em língua portuguesa e atualizado por Sirih Bakkatuyu, natural de Goa e Cavaleiro da Ordem de Belém (!).

O Breviário de Nostradamus. São Paulo, Editora do Brasil, 1964, 231 p.

O Verdadeiro Livro das Clavículas de Salomão. 6ª ed. Rio de Janeiro, Espiritualista, s.d., 104 p.

O Livro Completo das Bruxas, por A. Schoked. São Paulo, Publicações Brasil, 239 p. Refere-se a direitos autorais e de tradução devidos ao Instituto Internacional de Ciências Ocultas do México.

O Legítimo Livro da Cruz de Caravaca. Rio de Janeiro, Didática e Científica, s.d., 127 p.

Los Grandes Secretos de Alberto el Grande. México, Nueva Xochitl, s.d., 207 p.

Depois de publicado meu livro, tomei conhecimento de um colóquio na Sorbonne, *Magie du Livre, Livres de Magie*, cujos textos têm uma relação direta com o que discuto mas que até agora não foram por mim utilizados. Há aí o catálogo da exposição organizada na Biblioteca Sainte-Geneviève (Paris), por ocasião deste colóquio. Cf. o volume que tem o nome do colóquio (Paris, Aries, 1993).